

(Transcrição)

Milão, 9 de março de 1995

Um caminho espiritual comunitário

De um discurso de Chiara Lubich durante a outorga do prêmio UELCI "Autor do Ano"

Senhoras e senhores,

em primeiro lugar, os meus agradecimentos aos senhores editores por este prêmio que conferiram a uma mulher e com o qual quiseram homenagear um trabalho literário de muitos anos, exatamente neste ano dedicado à mulher.

Obrigada, e é uma satisfação pensar que, provavelmente, esse trabalho tenha agradado a alguém e tenha feito algum bem.

Mas permitam-me acrescentar ao agradecimento uma confiança: nunca me surpreendi tanto na minha vida como quando me anunciaram que receberia este prêmio, visto que jamais escrevi um livro, embora muitos tragam o meu nome como autora.

Estes livros são coletâneas, feitas por outras pessoas, de pensamentos meus, de anotações, diálogos, meditações, discursos, de trechos de diários e outros mais que ao longo dos anos fui escrevendo simplesmente para servir o Movimento dos Focolares. E este fato aumenta ainda mais o meu reconhecimento.

Sinto que contrairia uma dívida com os senhores, se nesta ocasião não dissesse uma palavra, não comunicasse algo do conteúdo desses livros.

Este se refere a uma nova espiritualidade que surgiu na Igreja, aproximadamente há cinquenta anos, uma espiritualidade tipicamente comunitária ou coletiva: a espiritualidade da unidade.

É uma espiritualidade de grande atualidade, expressão de um sinal dos tempos.

[...]

Porém, o que a espiritualidade, expressa nestes livros, possui de característico? Ela, como já disse, é comunitária, é coletiva.

Nestes dois mil anos após a vinda de Jesus, sabemos que a Igreja viu florescer no seu íntimo, sucessiva e por vezes simultaneamente, as mais belas, as mais ricas espiritualidades, de forma que a Esposa de Cristo se mostra adornada com as pérolas mais preciosas, com os brilhantes mais raros, que formaram e ainda formarão muitos santos.

Em todo este esplendor uma característica é sempre constante: é sobretudo o indivíduo, a pessoa que caminha para Deus individualmente.

Essa é uma conseqüência do distante período da história em que os cristãos, atenuado o primitivo fervor que fez da comunidade de Jerusalém um só coração e uma só alma, e não sendo mais perseguidos, pensaram em salvar a própria fé retirando-se no deserto para atuar especialmente o primeiro mandamento: amar a Deus. Foi a época da vida eremítica.

Se, por um lado, isso salvou muitos princípios cristãos e forjou muitos santos, por outro, não ressaltou o valor do irmão na vida espiritual, considerando-o até um obstáculo para se chegar a Deus.

O Abade Arsênio dizia: "Foge dos homens e te salvarás"¹. E muitos séculos depois, no famoso livro "Imitação de Cristo", que é belíssimo, foi escrito: "Disse um sábio: 'toda vez que estive entre os homens, voltei menos homem'"².

¹ Vita e Detti dei Padri del deserto, aos cuidados de L.MORTARI, Roma 1975, p. 97.

² Cf. Imitação de Cristo, ed. bras., PAUMAPE, 1979, I, XX, 1-6, pp. 37-38.

Espiritualidades individuais, portanto; embora o mistério do Corpo místico de Cristo não permita que sejam exclusivamente individuais, pois o que acontece numa pessoa tem sempre um reflexo sobre as outras. Também porque estes cristãos ofereciam e oferecem a Deus orações e penitências em favor dos irmãos.

Mas hoje os tempos estão mudados.

Nesta época o Espírito Santo convida com força o homem a caminhar ao lado dos outros homens, aliás, a ser, com todos os que o desejarem, um só coração e uma só alma.

E o Espírito Santo impulsionou o nosso Movimento, vinte anos antes do Concílio, a dar esta solene guinada rumo ao homem.

Segundo a nossa espiritualidade nós vamos a Deus passando exatamente pelo irmão.

"Eu - o irmão - Deus", se diz. Vamos a Deus junto com o homem, junto com os irmãos, aliás, vamos a Deus através do homem.

Os estudos de especialistas nossos - pelo menos numa visão geral - revelam que uma espiritualidade coletiva, como a nossa, da unidade, aparece pela primeira vez na Igreja.

No passado existiram, sim, experiências que se aproximam da nossa, principalmente de quem alicerçava a vida espiritual no amor.

Por exemplo, São Basílio considerava o primeiro mandamento, referente ao amor a Deus e o segundo, ao amor ao próximo, os alicerces da vida de sua comunidade. E sobretudo Santo Agostinho dava ao amor recíproco e à unidade o supremo valor.

Mas padre Jesus Castellano, por exemplo, professor de teologia espiritual no Instituto "Teresianum" de Roma e consultor da Congregação para a Doutrina da Fé, que conhece profundamente a nossa espiritualidade, diz que: "na história da espiritualidade cristã afirma-se: 'Cristo está em mim, vive em mim (e esta é a visão da espiritualidade individual da vida em Cristo); ou se afirma que Cristo está presente nos irmãos (e se abre a perspectiva da caridade, das obras de caridade). Porém normalmente falta descobrir que, se Cristo está em mim e no outro, então Cristo em mim ama a Cristo no outro e vice-versa [...] e verifica-se a dinâmica do doar e do receber.

Também existe - afirma pe. Castellano - uma espiritualidade comunitária, eclesial, que se vive 'como Corpo místico'. [...] Geralmente é considerada uma corrente espiritual do nosso século; século da redescoberta da Igreja. [...]

Mas (o Movimento) oferece "algo mais" com a espiritualidade coletiva, que é a visão e a vivência de uma comunhão, de uma vida eclesial 'como Corpo místico', onde o dom pessoal é recíproco e existe a dimensão do tornar-se 'um'.

Inclusive quando os autores atuais exprimem intuições sobre esta dimensão da teologia e da espiritualidade, falta-lhes o modo concreto de propô-la como estilo de vida e de encarná-la numa experiência: das coisas mais simples, como nós fazemos, como 'manter Jesus no meio', que é o máximo e o mínimo, às dimensões mais complexas do Movimento, como a economia de comunhão e a inculturação"³.

Ao mesmo tempo uma espiritualidade coletiva foi prevista para os nossos tempos por teólogos contemporâneos e solicitada pelo Vaticano II.

Karl Rahner, falando sobre a espiritualidade da Igreja do futuro, diz que a imagina na: "comunhão fraterna, onde é possível fazer a mesma basilar experiência do Espírito". Ele afirma: "Nós, os mais velhos, somos espiritualmente individualistas, devido à nossa proveniência e formação. [...] Se houve uma experiência do Espírito feita em comum, normalmente considerada como tal, [...] essa foi claramente

³ P. JESUS CASTELLANO ocd, carta a Chiara sobre a espiritualidade coletiva (da unidade) da Obra de Maria, de 21 de junho de 1992.

[...] a experiência do primeiro Pentecostes na Igreja, um acontecimento - deve-se presumir - que, sem dúvida, não consistiu num agrupamento casual de místicos individualistas, mas na experiência do Espírito feita pela comunidade [...]. Eu penso que - continua Rahner -, numa espiritualidade do futuro, o elemento da comunhão espiritual fraterna, de uma espiritualidade vivida em conjunto, poderá ter um papel mais determinante e que, lenta, mas decididamente, será necessário prosseguir por esta estrada"⁴.

O cardeal Montini, em 1957, disse que nos dias de hoje o fato episódico deve se tornar costume e que o santo extraordinário, se bem que venerado, de certo modo deve ceder o lugar à santidade do povo, ao povo de Deus que se santifica⁵.

A nossa é uma era na qual o aspecto comunitário cristão emerge em absoluto, em que se busca tanto o Reino de Deus em cada indivíduo, como o Reino de Deus entre as pessoas.

Geralmente as espiritualidades individuais indicam condições que devem ser respeitadas sobretudo por quem as vive com mais empenho: a solidão e a fuga das criaturas para atingir a união mística com a Trindade dentro de si.

Para manter a solidão, exige-se o silêncio.

Para manter-se separado das pessoas, o uso do véu e a vida em clausura, além do hábito.

Para imitar a paixão de Cristo, exige-se diversas penitências, por vezes duríssimas, jejuns, vigílias.

No caminho coletivo também respeitamos a solidão e o silêncio, para atuarmos, por exemplo, o convite de Jesus a se fechar no próprio quarto e rezar. Fugimos dos homens, quando nos induzem a pecar. Porém, normalmente acolhemos os irmãos. Nós amamos a Cristo no irmão, em cada irmão. Cristo que pode estar vivo nele ou renascer também com a ajuda que nós lhe damos. E a eles desejamos nos unir em nome de Jesus, para garantir a sua presença no nosso meio.

Nas espiritualidades individuais estamos como que num magnífico jardim (a Igreja), observando e admirando sobretudo uma flor: a presença de Deus dentro de nós.

Na espiritualidade coletiva amamos e admiramos todas as flores do jardim, Cristo presente em cada pessoa, que é amado como em nós mesmos.

E já que também o caminho comunitário não é e não pode ser exclusivamente tal, mas também é plenamente individual, quando estamos sozinhos, após termos amado os irmãos, todos experimentamos na alma a união com Deus. De fato, é suficiente pegar um livro para fazer meditação que no íntimo Ele quer conversar.

Podemos afirmar que sempre que vamos ao encontro do irmão na forma correta, amando como o Evangelho ensina, nos tornamos mais Cristo e mais "homem".

E dado que procuramos estar unidos aos irmãos, amamos de modo especial, além do silêncio, a palavra, que é um meio de comunicação.

Falamos para "nos fazermos um" com os irmãos.

Falamos no Movimento para comunicar as nossas experiências sobre a Palavra de Vida ou sobre a própria vida espiritual, cientes de que o fogo se apaga, se não for comunicado, e que esta "comunhão de almas" tem grande valor espiritual.

São Lourenço Justiniano diz: "Nada no mundo dá maior louvor a Deus e o revela digno de louvor do que a humilde e fraterna troca de dons espirituais..."⁶.

Falamos nas grandes jornadas para manter aceso em todos o fogo do amor de Deus.

E quando não falamos, escrevemos: cartas, artigos, livros, diários para que o Reino de Deus avance nos corações. Usamos todos os meios de comunicação modernos.

⁴ K. RAHNER, "Elementi di spiritualità nella Chiesa del futuro", in Problemi e prospettive di spiritualità, aos cuidados de T. GOFFI - B. SECONDIN, Brescia 1983, pp. 440-441.

⁵ Cf. G.B. Card. MONTINI, "Discorsi sulla Madonna e sui Santi (1955-1962)", Milão 1965, pp. 499-500.

⁶ SÃO LOURENÇO JUSTINIANO, Disciplina e perfezione della vita monastica, Città Nuova Editrice, Roma 1967, p. 4.

E nos vestimos como todos para não nos separarmos de ninguém.

Também no Movimento fazemos as mortificações indispensáveis à vida cristã; fazemos sobretudo as penitências aconselhadas pela Igreja, mas amamos principalmente aquelas que a vida de unidade com os irmãos nos oferece. Essa vida não é fácil para o "homem velho", como diz São Paulo, que está sempre pronto a emergir dentro de nós.

Além do mais, a unidade fraterna não se realiza de uma vez para sempre; é preciso reconstruí-la sempre. Se é verdade que, quando a unidade existe, gerando Jesus no meio, os irmãos sentem a imensa alegria prometida por Jesus na sua oração pela unidade, é verdade também que, quando a unidade desaparece, infiltram-se sombras e desorientação. Vivemos numa espécie de purgatório. É esta a penitência que devemos estar prontos a enfrentar. Nesse caso deve entrar em ação o nosso amor por Jesus Crucificado e Abandonado, chave da unidade. É nesse momento que, por amor a Ele, resolvendo primeiro em nós mesmos aquela dor, fazemos de tudo para recompor a unidade.

Também no Movimento rezamos e amamos muito a oração litúrgica, como a Santa Missa, porque é a oração da Igreja.

E é característica a oração coletiva ensinada por Jesus: "Se dois de vós estiverem de acordo na terra sobre qualquer coisa que queiram pedir, lhes será concedido por meu Pai que está nos Céus" (Mt 18, 19).

Para quem percorre a via da unidade Jesus no meio é essencial.

Para evitar o nosso fracasso pessoal, devemos reavivar sempre a sua presença nas nossas famílias, nas nossas comunidades, nos nossos congressos, nas nossas cidadezinhas.

É Jesus no meio que traz aquele "algo mais" que caracteriza o carisma.

Assim como dois pólos da corrente elétrica jamais produzirão luz enquanto não se unirem, e o farão logo que se unirem, da mesma forma duas pessoas não experimentarão a luz típica do carisma da unidade enquanto não se unirem em Cristo mediante a caridade.

Para quem percorre esta via tudo terá significado e valor, no trabalho, no estudo, também na oração e na tensão à santidade, assim como na irradiação da vida cristã, se antes tiver com os irmãos Jesus no meio, que é a "norma das normas" desta vida.

Nós atingiremos a santidade, se fizermos uma marcha em unidade em direção a Deus.

Vivem esta espiritualidade pessoas de todos os tipos, de ambos os sexos, de qualquer idade, raça, idioma, povo, extração social, porque ela já chegou aos últimos confins da terra; penetrou nas outras Igrejas e religiões, assim como em pessoas de outras convicções.

De forma que o mundo, a sociedade em todos os seus âmbitos, aspectos e vocações, vai impregnando-se de divino e cada realidade é clarificada, consagrada, aperfeiçoada.

Santa Teresa d'Ávila, doutora da Igreja, fala de um "castelo interior": a alma habitada no centro por sua Majestade, que deve descobrir e iluminar tudo durante a vida, superando as várias provações. Este é o vértice da santidade num caminho prevalentemente individual, embora ela tenha envolvido na sua experiência todas as suas discípulas.

Mas chegou o momento, pelo menos é o que achamos, de descobrir, iluminar, edificar, além do "castelo interior" também o "castelo exterior".

Nós vemos todo o Movimento como um "castelo exterior", onde Cristo está presente e ilumina todas as suas partes, a partir do centro até a periferia.

Mas, considerando a incidência da nossa espiritualidade inclusive fora das estruturas da Obra (pois chegou a responsáveis da sociedade e da Igreja), compreendemos imediatamente que este carisma não faz só da nossa Obra um "castelo exterior", mas tende a fazer o mesmo de todo o tecido social e eclesial.

O Santo Padre, falando recentemente a cerca de setenta bispos, amigos do Movimento, disse: "O Senhor Jesus... não chamou os discípulos a segui-lo individualmente, mas o seu chamado era

inseparavelmente pessoal e comunitário. E se isto é verdadeiro para todos os batizados - continua o Papa - vale de modo especial [...] para os apóstolos e os seus sucessores, os bispos”⁷.

Assim, eu digo, esta espiritualidade abraça todo o povo de Deus que se torna, por este carisma, mas “um” e mais santo.

⁷ Cf. Osservatore Romano, ed. Port. N° 8, 25.02.1995, pág. 1.